
A HISTORIOGRAFIA RECENTE SOBRE CASCAVEL/PR: IDENTIDADES E A AÇÃO DAS MADEIREIRAS

THE RECENT HISTORIOGRAPHY ABOUT CASCAVEL/PR: IDENTITY AND LOGGING ACTIVITIES

Daniele Brocardo
Mestranda/ PPG em História /UNIOESTE/Bolsista CAPES
danielebrocardo@gmail.com

RESUMO: A presente comunicação se constitui como parte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, que tem como tema geral de pesquisa, refletir sobre as memórias a respeito da ação das indústrias madeireiras, entre as décadas de 1950 a 1970 (período de maior atividade das madeireiras), no município de Cascavel, localizado no oeste do Estado do Paraná. Para tanto, se faz necessário como ponto de partida para entendimento da ação das madeireiras no referido município, saber como a história deste, vem sendo contada, em um período em que as discussões ambientais já se encontram amadurecidas. Será que a historiografia sobre o município leva em conta estas novas discussões ao escrever sobre este período? Quais elementos estão sendo afirmados na construção desta história e que identidades são elaboradas? Com tal intuito de problematizar estas questões, selecionei para análise a obra mais recente da historiografia que trata sobre a história do município, *Terra, sangue e ambição* de Vander Piaia, 2013. O autor propõe ao elaborar a obra se diferenciar dos outros trabalhos existente até então, já que atribui a estes a falta de “objetividade e rigor científico”. Assim, ao analisar tal obra, posso ir além, da percepção sobre ação das madeireiras, posso perceber quais identidades sobre o município estão sendo elaboradas.

Palavras-chave: Historiografia. Identidade. Oeste do Paraná.

ABSTRACT: Here I present the first chapter of my Master’s dissertation, where I analyzed the memories about timber industry of municipality of Cascavel (Paraná State, Brazil), between 1950s and 1970s (period of the largest logging). For this aim, I took as start point, the current environmental discussions to understanding how timber industry’s history has been told. Does the Cascavel’s historiography take into account these new discussions when write about that period? What are elements being asserted in the construction of local history, and which are identities developed? To discuss these questions, I analyzed the latest work about Cascavel’s historiography, *Terra, sangue e ambição* (Land, blood and ambition) by Vander Piaia, 2013. This author proposes his work differing of other historiographies, because the previous works “lacked objectivity and scientific rigor”. Thus, when I analyze this work, I can go beyond the perception of logging activities, and can see what municipal identities are being developed.

Key-words: Historiography. Identity. Paraná western.

O presente artigo se constitui como parte do primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado, que tem como tema geral de pesquisa, refletir memórias a respeito da ação das indústrias madeireiras¹, entre as décadas de 1950 a 1970² (período de maior atividade das madeireiras), no município de Cascavel, localizado no oeste do Estado do Paraná.

A problemática da pesquisa surge a partir do tempo presente, das discussões ambientais, ganham espaço nas discussões acadêmicas, políticas e sociais em âmbitos regionais e global. Estas estão atreladas a necessidade de pensar as mudanças ambientais como um problema a ser enfrentado, devido as perceptíveis consequências relacionadas à biodiversidade e mesmo à qualidade de vida humana. Como causa fundamental desta modificação de ecossistemas a ação antrópica, na qual incluo a ação das empresas madeireiras³.

Para tanto, se faz necessário como ponto de partida para entendimento da ação das madeireiras no município de Cascavel/PR, saber como a história do município vem sendo contada, em um período em que as discussões ambientais já se encontram amadurecidas. Será que historiografia sobre o município leva em conta estas novas discussões ao escrever? Quais elementos estão sendo afirmados na construção desta história e que identidades são elaboradas?

¹ Compreendo aqui por indústria madeireira, o setor da atividade industrial que trabalha com o processamento da madeira, desde seu plantio até a transformação em objetos de uso prático. Entretanto, no período estudado, as madeireiras se utilizavam dos seguintes processos, em sua maioria: extração da árvore no mato (nos primeiros anos da extração o Pinheiro do Paraná - *araucaria angustifólia*, ou como era nomeado no período, “Pinho”), depois o transporte até os barracões das madeireiras, corte em tábuas de diferentes centímetros, tratamento químico, transporte até o Porto Fluvial de Foz do Iguaçu/PR, onde eram exportadas para a Argentina. Além destes processos nos relatos são apresentados os processos de venda de madeira para caixaria na construção da cidade de Brasília e transformação através do beneficiamento em matéria prima para a construção de casas entre outras destinações. A classificação da madeira obedecia aos seguintes parâmetros: primeira, segunda e terceira qualidade. Além destes esclarecimentos, friso que para esta pesquisa não realizei um recorte pensando a ação de uma empresa madeireira em específico. Mas, um recorte que tem por objetivo pensar a ação destas como um todo.

² Alceu Sperança, em sua obra *Cascavel: a história* de 1992 descreve o crescimento populacional de 79,77% ao ano em Cascavel na década 1950, isto a partir da ação das madeireiras, o que teria influenciado a criação do município com a Lei Estadual 790/51 e sua efetivação em 14 de dezembro de 1952. O autor também indica que 1955 existiam o registro de 43 indústrias madeireiras no município, o que servia como um dos fatores de atração da população. Sperança assinala que em 1975 ocorre o fim do que ele chamou “ciclo madeireiro” em Cascavel, era o fim do predomínio econômico das indústrias madeireiras.

³ FUNDO das Nações Unidas: **Convention on biological diversity**. Nações Unidas: Nova Iorque, 1992, p 28; MMA 2006. Pesquisa mostra crescimento da consciência ambiental no Brasil. IN: <http://www.mma.gov.br/ascom/ultimas/index.cfm>. Acessado dia 15/11/2011.

Uma vez que em meu trabalho de conclusão de curso em 2012, ao trabalhar com o mesmo tema, me deparei com a necessidade de analisar três das obras produzidas por Alceu A. Sperança, *Pequena história de Cascavel* de 1980, *Cascavel: a história*, de 1992 e *Cascavel – livro ouro: 50 anos de história*, publicado em 2002. Sperança é um dos autores com maior produção sobre a história do município, estas obras foram selecionadas principalmente por tratarem de forma mais específica, se comparadas com outras obras da historiografia regional, sobre a formação do município de Cascavel. A seleção de tais textos ocorreu também pela possibilidade de entender como este processo, de ação das madeireiras, foi visto como parte do processo de constituição do município de Cascavel e, portanto, como o “desbravamento” da região, justificado como necessário ⁴.

Nos últimos quatro anos a historiografia sobre município de Cascavel ganhou uma nova obra, *Terra, sangue e ambição* em 2013 de Vander Piaia. A escolha agora se dá por analisar esta obra, com intuito de perceber como o autor aborda velhas questões sobre a história de Cascavel, qual visão sobre a ação das madeireiras está sendo construída. Mas, a finalidade, ao analisar esta, é de ir além da percepção sobre ação das madeireiras, é de perceber quais identidades sobre município estão sendo construídas.

O objeto espacial e temporal de minha reflexão na dissertação se constitui no município de Cascavel/PR no período das décadas de 1950 a 1970, para tanto se faz necessários alguns esclarecimentos. A emancipação política de Cascavel ocorre em 1951 do município de Foz do Iguaçu, mas a reocupação da área que hoje forma o município de Cascavel/PR iniciou na década de 1930, aliada a um projeto de ocupação de fronteiras em âmbito nacional, denominado “Marcha para Oeste” ⁵.

Inicialmente seu território foi delimitado ao norte pelo Rio Piquiri, e ao sul pelo Rio Iguaçu, mas com o decorrer dos anos reduziu seu tamanho pela criação de novos municípios.

⁴ A respeito da história da região oeste paranaense existem inúmeras obras que abarcam tal tema. No entanto para meu TCC foram selecionadas as obras de Alceu Sperança. Entre estas obras que trabalham com a história da região Oeste se encontram VADER, Piaia. **A Ocupação do Oeste Paranaense e a Formação de Cascavel: as singularidades de uma cidade comum.** Tese de doutorado em História- UFF/ Unioeste, 2004; WACHOWICZ, R. **Obrairos, Mensus e Colonos: História do Oeste Paranaense.** Curitiba: Editora Vicentina, 1982; VANDERLINDE, Tarcísio et. al. **Migração e a Construção do Oeste do Paraná: século XXI em perspectiva.** Cascavel: Coluna do Saber, 2007.

⁵ “Marcha para o Oeste” se constitui em um projeto implantado pelo governo de Getúlio Vargas no final dos anos 1930, que propunha uma colonização dirigida, que visava ocupar denominados “espaços vazios” (lugares ainda não ocupados por uma população desejada). Este espaço se encontrava no interior do Brasil, sobretudo em regiões de fronteiras geográficas com outros países.

(SPERANÇA, 1992, p.132) O território do município de Cascavel e das áreas atuais dos municípios que compunha seu território até final década de 1970 era composto pelo município de Corbélia e Formosa do Oeste até o ano de 1961, Capitão Leônidas Marques até 1964, Cafelândia até 1979, Lindoeste até 1989 e parte dos territórios dos municípios de Assis Chateaubriand até 1966, Nova Aurora 1967, Santa Tereza do Oeste 1989⁶, todos localizados no oeste do Estado do Paraná (ver na Figura 1).

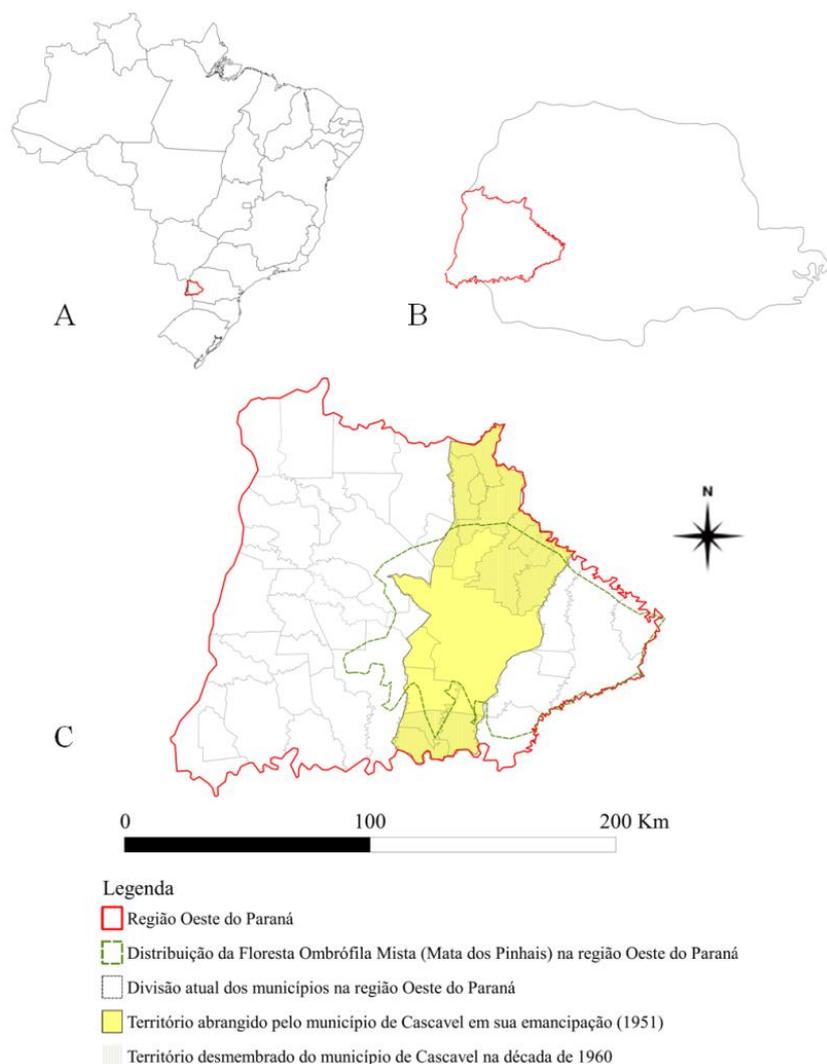


Figura 1- A) Localização da região Oeste do Paraná no Brasil, B) No Estado do Paraná. C) Localização da área de abrangência desse estudo (município de Cascavel entre as décadas de 1950 e 1970) na região Oeste do Paraná, com destaque para a distribuição da Floresta Ombrófila Mista, onde se concentrava maior parte das madeireiras.

⁶ PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O. da C. P.; IWAKE, S. **Criação dos Municípios e Processos Emancipatórios**. Disponível: http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmop/capitulos/Capitulo_03.pdf. Acesso dia 20/05/2013.

Segundo a historiografia local, o papel do setor madeireiro para a transformação de Cascavel em município e seu possível desenvolvimento econômico, seria fundamental. Podemos examinar a importância das madeiras para o início do povoamento do município por se tratar de um dos negócios de maior número, quando comparado com outros setores da indústria no período estudado.

O que pode ser verificado em fontes como o *Indicador profissional e informativo de Cascavel*⁷, produzido no final da década de 1950, que demonstra a existência de 14 serrarias no município. O texto escrito por Willy Fauth, em 1973, apresenta um quadro de indústrias existentes no município nos anos de 1966 e de 1973, período em que o número desse tipo de indústria era superior às demais empresas. Fauth informa que no ano de 1966 existiam no município 67 serrarias e 21 beneficiadoras de madeiras, já em 1973 existia 56 serrarias e 22 beneficiadoras de madeiras. (FAUTH, 1973, p.54.)

⁷ Trata-se de um material semelhante a um recorte de anúncios de jornal, supostamente produzido pela prefeitura para divulgar as empresas, os comércios e profissões existentes na cidade. A data mais provável para sua produção é o ano 1957. Ele se encontra, de forma impressa e digital, no Museu da Imagem do Som de Cascavel (MIS).

54

INDUSTRIA

O Município de Cascavel mostra o seguinte quadro de indústrias:

T I P O S	EXISTENTES EM	
	1.966	1.973
Artefatos de cimento.....	2	6
Indústrias de Bebidas.....	3	6
Beneficiamento de Madeiras...	21	22
Beneficiamento de Cereais....	21	30
Confeitarias e Padarias.....	9	13
Construtoras.....	7	11
Gráficas.....	3	7
Implementos Agrícolas.....	-	6
Laminadoras.....	9	8
Metalúrgicas.....	3	15
Fábrica de Móveis.....	7	22
Olarias.....	8	5
Pedreiras.....	2	5
Serrarias.....	67	56
Diversas.....	20	41
T O T A I S	182	262

Figura 2- Dados da indústria de Cascavel dos anos 1966 e 1973. Fonte: FAUTH, Willy. *Tudo sobre Cascavel: história, comércio, indústria, poder público, entidades, informações, estatísticas*. Toledo: grafo- set, vol.1, nº 2, 1973. p. 54.

A vegetação da área que forma o município de Cascavel até final década de 1970 era composta basicamente pela Floresta Ombrófila Mista (FOM), (formação que faz parte do bioma da Mata Atlântica), que é denominada muitas vezes de Mata dos Pinheiros (CASTELLA; BRITZ, 2004.) (Ver figura 1). A Araucária ou Pinheiro-do-Paraná (*Araucaria angustifolia*) era o produto de maior saída nos primeiros anos de extração pelas madeiras. Atualmente é considerado como uma espécie criticamente ameaçada de extinção⁸.

A devastação desta vegetação perpassa a problemática da dissertação, por entender que esta, está ligada diretamente a ação das madeiras. A relação que existe entre a devastação desta vegetação e o entendimento da ideia de "progresso", descrito pela

⁸ Informação extraída: www.iucnredlist.org, data: 10/01/2013.

historiografia sobre o município, de uma área selvagem ou dos sertões, que se fazia necessário desbravar e civilizar, através da derrubada da floresta para se aproximar das áreas civilizadas⁹.

A ideia da região que forma o município de Cascavel como “sertão” é descrita no texto de Vander Piaia. Uma noção que se apresenta em diferentes épocas e regiões do país, com objetivo de descrever estas regiões e opor as regiões litorâneas (FREITAG, 2010, p.53-54). Segundo Liliane Freitag em seu texto *Região editada*, no qual trabalha com as narrativas que constituíram a região meridional do Brasil, paranaense, identificada como tríplice fronteira internacional:

Reconhecidos e alimentados-ora estigmatizado, ora positivado, - os sertões estão presentes em diversos contextos vivenciados pela sociedade brasileira, como nas esferas do pensamento social brasileiro, no universo do imaginário popular e também nas representações de progresso da ordem republicana no país. Contudo, os sertões sugerem lugares ermos, ilhas ou, ainda, pontos afastados da nação (2010, p. 53).

Assim, os sertões são constituídos e descritos, para muitas regiões do país, como um lugar “atrasado e sem civilização”, que só a partir da “colonização”, atingiria o “progresso” desejado. “Afastar ‘fantasmas’ do atraso regional significava, portanto, construir uma nação pelo controle completo de suas fronteiras” (2010, p.62).

São estes elementos também presentes na obra de Vander Piaia, ao tratar da história de Cascavel. O objetivo aqui é de tentar entender qual a ideia de sertão que o autor está construindo para o referido município, aliando esta ideia, a criação de uma identidade para o município e para seus moradores.

Kathryn Woodward, no texto *Identidade e diferença*, destaca que “as identidades são construídas” e “são fabricadas por meio da marcação da diferença” (2000 p.11-13). Então, estes textos sobre a história de Cascavel, ao construir uma identidade para o município e seus

⁹ Susana Cesco em seu texto **Desmatamento e migração no Alto Vale do Rio do Peixe**: discussões sobre “progresso” e transformação ambiental. Florianópolis/SC, 2005. 135p. Dissertação (Mestrado em História)-UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina, discute sobre o Vale do Rio do Peixe em Santa Catarina, como autores ao escrever sobre aquela região, tinham em sua escrita semelhança com os escritos de antigos viajantes. No que diz respeito ao descrever a região com mesmas ideias de civilização e selvagem, “como um sertão bravo e selvagem, que precisava ser desbravado e civilizado.” O que ocorre com a historiografia aqui estudada é a mesma semelhança, mas não posso afirmar que tais escritores tenham influência.

moradores, fazem por meio da oposição de outros elementos, seja do progresso em relação ao selvagem.

Estes autores trabalham a história de Cascavel de forma a construir um sentido único, que seria válido para todos os munícipes, de tal modo, se assentam como porta voz desta sociedade.

O que Pierre Bourdieu observou em seu texto *A força da representação*, que “O poder sobre o grupo a que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo impondo-lhe princípios de visão e de divisão comuns, e, portanto, uma visão única de sua identidade e uma visão idêntica de sua unidade” (2008, p.111).

Para a análise a obra de Vander Piaia, *Terra, sangue e ambição: a gênese de Cascavel*, 2013, se faz necessário conhecer quem é este autor. Vander Piaia é formado em economia, mas, possui mestrado e doutorado na área de história. É professor universitário e já atuou como secretário municipal de educação e vice-prefeito de Cascavel, nas eleições municipais de 2004, atualmente é chefe do núcleo regional de educação de Cascavel.

Sua tese de doutorado em história, *A ocupação do oeste paranaense e a formação de Cascavel: a singularidade de uma cidade comum*, teve dois de seus capítulos analisados, *O tempo da violência* e *Violência e memória*, no artigo *Terra e Poder*, elaborado por Paulo José Koling. Tal autor em seu texto busca entender como a historiografia sobre o oeste paranaense tem tratado as questões que dizem respeito à terra e a sociedade, durante a ocupação da região. Segundo Koling esta historiografia tem reduzido algumas questões ao afirmar que se tratava de um passado sem lei, o que significa sem o Estado (2009, p.237-250).

Para Koling a historiografia da qual faz parte Vander Piaia, trabalha com uma visão dualista, que reduz ao contraponto entre barbárie (sem lei) e a civilização (lei do Estado). Elementos que se encaixariam dentro de uma tradição da jusnaturalista, “este dualismo não se refere à origem do Estado nem aos motivos fundadores da violência, em si, todavia, subliminarmente sustenta uma polaridade entre Natureza e Civilização, e projeta uma linearidade evolutiva: da barbárie para a civilização” (KOLING, 2009, p. 239).

Tais pontos destacados por Koling, também são observados nesta obra, *Terra, sangue e ambição*. O que já se nota através da análise da contracapa do livro, elaborada por Solange Irene Smolarek Dias (2013):

Piaia discorre sobre a terra, os revoltosos e as primeiras tentativas, em 1930, de transformar o cruzamento de duas picadas numa cidade. A terra de colonização não planejada advém de litígios e, por essa condição, indeterminação e insegurança afloram em violências orquestradas por milícias de jagunços. Do ciclo da madeira para a lavoura, a ocupação se consolida: de 1940 a 1960, a mata e a barbárie são substituídas pelo cultivo da terra e pela sede do progresso. Cascavel transforma-se, assim, na principal cidade do Oeste paranaense.

A fala de Solange Dias apresenta os elementos da obra de Piaia, estes seguem a sua obra anterior, de uma violência reduzida à presença dos jagunços e falta do Estado. Em ciclos econômicos e um dualismo evolucionista, no qual “a mata e a barbárie” estão situadas juntas e são substituídas pelo “cultivo da terra e pela sede do progresso”.

No *site* da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) que anunciava o lançamento do livro de Piaia, por se tratar de um livro financiado pela Fundação Araucária e publicado pela Edunioeste (editora da universidade), informa que segundo o próprio autor “a principal motivação para escrever o livro foi a pesquisa desenvolvida na tese de doutoramento” e “falta de rigor científico e da objetividade dos poucos trabalhos então existentes sobre a história de Cascavel”¹⁰, elementos que também aparecem na introdução do livro. Assim, entendo que esta obra tem ligação com sua tese e o autor propõe fazer algo novo, diferente das obras já existentes sobre a história do município.

Quando Piaia afirma que um dos elementos que o levou a escrever foi “falta de rigor científico e da objetividade” dos outros trabalhos, segue a lógica que Bourdieu descreve sobre “a confusão dos debates em torno da noção de região”, que “deriva, em parte, da preocupação de submeter à crítica lógica os categoremas do senso comum, emblemas ou estigmas, e substituir os princípios práticos do juízo cotidiano por critérios logicamente controlados e empiricamente fundados da ciência” (2008. p. 107.).

A divisão da obra adota 15 partes, organizada nos seguintes títulos: *Os segredos da fronteira; Os revolucionários descobrem os sertões do Oeste; Uma ferrovia no coração da mata; A serpente batiza a cidade; As colonizadoras abrem caminho; Quem são os cascavelenses?; Madeira e agricultura - o caminho da riqueza; O comércio e a agricultura*

¹⁰ Informações extraídas: <http://cac-php.unioeste.br/cnu/node/1570>, em 22/01/2014.

consolidam o progresso; Uma década com pressa; Modernizando a cidade; Posseiros, pistoleiros, grileiros e intrusos- os agentes da violência; Ganhadores e perdedores; A capital do crime; Enfim, a lei; O futuro. Neste trabalho analiso trechos da obra que dizem respeito às questões aqui propostas.

Em *Os segredos da fronteira*, Piaia inicia apresentado o que entende por fronteira, “linhas de separação entre diferentes países”, “separa línguas, estruturas político-administrativas, costumes e demais aspectos constitutivos de uma nação”. Argumenta ainda que a fronteira pode ser um lugar de encontro, ao se referir que Oeste do Paraná é uma região conhecida como de fronteira (2013, p. 17). De tal modo, podemos entender a fronteira no texto de Piaia conforme descreve Bourdieu: “a fronteira, este produto de um ato jurídico de delimitação, tanto produz a diferença cultural quanto é por ela produzida” (2008, p. 110.).

Piaia acrescenta ainda sobre a “região do Oeste do Paraná”:

Entretanto, o Oeste do Paraná caracterizou também uma outra fronteira, aquela que separava os sertões fechados e bravios do mundo já desbravado das cidades, da ordem social, dos ideais capitalistas baseados na compra e venda cujo objetivo final é a acumulação de riqueza e o lucro. Era também uma fronteira assinalada por mundos diferentes. No interior do incógnito sertão existiam pessoas, aglomerações humanas, comunidades, que, ao seu modo, se adaptavam à natureza e ao convívio com o outro. O outro, no caso oestino, eram os remanescentes das tribos indígenas, eram os bugres, eram os paraguaios, que atravessavam o Rio Paraná para trabalhar na colheita da erva-mate a serviço de empresas exploradoras dessa riqueza natural (2013, p.17.).

Liliane Freitag ao escrever a respeito das narrativas da década de 1950, que descreve a mesma região geográfica, argumenta:

Independente das transformações dos traços rodoviários durante a década de 1950, sobrevivem ainda os *Sertões do Iguassú* – entendido como extensão que compreende a margem oriental do rio Tibagi até as margens do rio Paraná e, seu alcance até as Cataratas do Iguaçu, - representação de um espaço “sem dono” (2010, p.61)

O que assemelha com a obra de Vander Piaia, é que ainda compartilha da mesma visão, destas narrativas da década de 1950, a qual, esta região era descrita como um lugar “sem dono” ou “sem brasilidade”. A fronteira seria o elemento separador do mundo do sertão (selvagem) das cidades (civilizado) e as poucas “pessoas” que existiam ali, eram obrigadas a conviver com o “outro” e a natureza, retratos do atraso desta região, e o “outro” se constituía no indígena e no estrangeiro. O atraso desta região era eliminado pelo controle da fronteira, ou seja, presença do Estado brasileiro.

Nas páginas seguintes Piaia apresenta seu referencial sobre fronteira, Fredeick Turner, que escrevera sobre a expansão da fronteira norte-americana rumo ao oeste. O qual entende a fronteira como “o ponto de encontro entre o mundo selvagem e a civilização”. A civilização seria trazida pelos denominados “pioneiros”, que vinham atrás das “terras livres” e que (PIAIA, 2013, p.18-19):

[...] abandonavam as cidades em busca de novas terras precisavam se adaptar, deixavam para trás parte das convenções sociais e seu modo de vida, tornavam-se novos sujeitos, despertando muitas vezes seu lado agreste e selvagem, sofrendo as penúrias das regiões inóspitas, embevecidos pelo desejo de realização pessoal, e também de riqueza e liberdade (PIAIA, 2013, p.19).

É interessante notar, que Piaia, mesmo falando na presença de indígenas, caboclos e paraguaios na região, descreve que as pessoas vinham atrás de “terras livres”. Outro elemento interessante que caracteriza a fala de Piaia, é que ao abandonar as cidades e vir para “o sertão” despertava nestas pessoas seu lado “selvagem”, por mais, que fossem elas, os agentes promovedores da “civilização no sertão”. De tal modo, o ambiente ainda moldado pela natureza, despertaria nos chamados “pioneiros” seu lado “selvagem”, o que poderia justificar suas ações (2013, p.17-19).

Piaia segue seu argumento descrevendo o processo de expansão das fronteiras, promovida pelo agente “pioneiro”, que delimita novas marcas para a civilização, mas que não agia dentro de nenhuma “utopia social”, não hesitando “em adotar a violência como uma forma válida à obtenção de terras e outros benefícios”. Para Piaia este processo também é marcado “pela conquista, pela coragem, pelo enfrentamento da natureza e dos próprios

homens entre si” (2013, p.20-22). Assim, podemos entender que qualquer ação violenta, por parte dos chamados “pioneiros”, era justificada por se tratar de um processo que exigia tal postura.

Em, *Os Revolucionários descobrem os sertões do oeste*, o autor descreve a passagem e as batalhas, daquela que ficaria conhecida como Coluna Prestes, atribui a essa certa importância para a formação do município de Cascavel (PIAIA, 2013, p.27-56). Mas no capítulo seguinte *Uma ferrovia no coração da mata*, argumenta que para se compreender o que chama de “colonização do município de Cascavel e como se tornou palco de disputa de terras, é preciso retroceder no tempo, ainda no início da época da fundação da República” (PIAIA, 2013, p.57). Assim, situa em um passado ainda mais longínquo, no qual se encontraria a formação do município de Cascavel.

No próximo capítulo *A serpente batiza a cidade*, trata especificamente da constituição de Cascavel em município, junto à formação do município de Toledo/PR. O autor dialoga de forma a comparar os dois municípios:

Ambas também compartilharam o processo de exploração intensiva movido pelas obras, estando sob o jugo de interesse dessas empresas nas primeiras décadas de existência. Foram elas que, a partir da colonização dos anos 40, desempenharam papéis distintos e complementares no processo de ocupação efetiva e de colonização do Oeste. Talvez mais significativo ainda tenha sido o simbolismo da forma de ocupação que cada uma representou.(PIAIA, 2013, p.71)

Em seguida adverte que “não há nenhuma precisão sobre a data de surgimento da cidade de Cascavel” (PIAIA, 2013, p.71). Porém, segundo o autor, “a registros das companhias obrageiras, e à memória escrita de passantes, sabe-se com certeza que o nome Cascavel já existia nos primeiros anos do século XX” (2013, p.73). Nesta parte do texto Piaia se refere a Alceu Sperança, em seu livro de 1992, para questionar a origem do nome do município (2013, p.81). Piaia afirma ainda sobre a formação do município:

A gênese da cidade contém algumas singularidades intrigantes e cativantes. Pode-se afirmar que não existiu uma única Cascavel, nem espacial nem temporalmente, e que seu surgimento, crescimento e desenvolvimento

podem ser conceituados por etapas distintas, embora não estanques (2013, p.88).

O que podemos notar nestes três capítulos¹¹, é que Piaia parece estar preocupado em exemplificar o “mito fundacional”, de Cascavel. Stuart Hall em seu texto *A identidade cultural na pós-modernidade*, ao tratar da identidade nacional, descreve como é contada a narrativa da cultura nacional em cinco elementos, entre eles está o “mito fundacional” entendido como (2006, p.51-55):

[...] uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade”. (HALL, 2006, p.54-55)

Podemos entender que o que é válido para a origem da nação, também é válido para pequenas localidades ou grupos, e neste caso para as narrativas da história de Cascavel, que busca localizar a origem do município em um passado distante, no “início da época da fundação da República”.

Em *As colonizadoras abrem caminho*, inicia descrevendo como o fim da Segunda Guerra Mundial, ampliou o “mercado da madeira”, nas regiões que chama “zona de ocupação fronteira”. Porém, é sobre a atuação das companhias colonizadoras na região oeste do Paraná, que trata o capítulo. Piaia relata ainda a instalação das “serrarias na Central Barthe, nas proximidades de Cascavel”, pelo grupo de empresários liderados por Moysés Lupion¹². (2013, p.105-106)

Quem são os cascavelenses? Neste capítulo o autor busca traçar quais foram as origens das pessoas que migraram para o município de Cascavel, com isto o autor, acaba por constituir uma identidade, ou várias para os chamados cascavelenses.

São considerados “pioneiros” nesta migração e na formação cultural do município, pelo autor, os gaúchos. Que mesmo com a migração de catarinenses teriam tal identidade

¹¹ *Os Revolucionários descobrem os sertões do oeste; Uma ferrovia no coração da mata; A serpente batiza a cidade.*

¹² Governador do Paraná no período de 1947/1951 e 1956/1961.

reforçada, pois estes “se consideravam herdeiros da cultura gaúcha, também os paranaenses compartilhavam desse referencial gaúcho”. O autor descreve que esta “união” entre os três Estados se dava também pela “vinda de imigrantes europeus desde o século XIX,” para “os três estados sulistas” (PIAIA, 2013, p.113).

Na construção destas identidades para os chamados cascavelenses, Piaia continua a afirmar os elementos de violência ligados à “fronteira”: “Em Cascavel, ao se propiciar a convergência de diferentes etnias e culturas convivendo num mesmo espaço, permitia uma ampliação dos horizontes. A par disso, o aspecto violento da fronteira não era um empecilho à continuidade do fluxo migratório.” Assim, para Piaia a violência aparece como mais um elemento construtor da identidade dos cascavelenses (2013, p.127).

Em *Madeira e agricultura- o caminho da riqueza*, são apresentados os aspectos da história do município ligados mais diretamente as questões das madeireiras. O autor inicia o capítulo apresentando que os pioneiros no “reconhecimento do valor da madeira existente no Oeste paranaense” foram as obrages. Em seguida descreve como se constituía em uma “façanha” a extração e o transporte da madeira na década de 30, devido a poucas máquinas existentes (PIAIA, 2013, p.132). Piaia nas páginas seguintes descreve como a existência das serrarias “era sinal de progresso, pois utilizavam determinadas maquinarias industriais, como serras e tornos, além de dependerem de motores, cuja energia provinha de usinas privadas ou de sistemas a combustão” (2013, p.133).

Mas é na página 133 que começa estabelecer a ligação de forma mais direta, entre a ação das madeireiras com o município de Cascavel:

Cidades recentes como Cascavel e Toledo passaram a ser expoentes de núcleos cuja madeira permitia um elevado grau de acumulação. Emer (1991) sustenta que o início dos anos de 1940 marcou a vinda de madeireiras para o município de Cascavel, com a intenção da exploração do produto em escala industrial. (PIAIA, 2013, p.133)

Piaia continua a descrever a extração da madeira, seu transporte e o aumento da exploração após a Segunda Guerra, porém, sempre tratando como um processo econômico. Informa que no adentrar da década de 1970, “o panorama começou a mudar para o mercado da madeira oestina. Por parte da oferta, o fim dos estoques naturais, que foram simplesmente

rapinados, indicava que as cidades do Oeste precisavam tomar outros rumos econômicos”. O autor atribui o fim deste processo pela crise do petróleo em 1973, que afetaria a economia em todo mundo e argumenta ainda (PIAIA, 2013, p.137):

De certa forma, pode-se considerar que a crise veio em boa hora, pois os empresários ligados ao ramo madeireiro já estavam antevendo o fim de seus estoques, e, nessa época, aqueles que haviam ganhado somas consideráveis com a madeira estavam buscando diversificar suas aplicações. E a opção mais rentável era exatamente aquela que combinava de muitos modos com a experiência desses pioneiros que já estavam acostumados às lidas agrárias: a agricultura (2013, p.137-138).

O autor descreve que a crise do petróleo soma-se ao fim das reservas naturais da madeira, assim, os madeireiros mudaram de uma atividade econômica para outra, a agricultura. Deste modo, segue a ideia de ciclos econômicos, considerando a extração das árvores mais uma atividade que sede lugar para outra atividade econômica.

O autor a partir deste ponto passa considerar outros aspectos da exploração da madeira:

O domínio e o controle da natureza ditado pelo avanço da sociedade fez o “planalto gótico”¹³ perder em meras duas décadas seu principal elemento. Os pinheiros sobreviventes passariam a ser espécie rara, mesmo assim, quando do descuido da autoridade, os agricultores continuaram a derrubá-lo, vendendo-o para serrarias clandestinas, abrindo espaço para a agricultura. Aquela imensa árvore vicejando no meio da lavoura era vista como um empecilho à atividade de mecanização. Continuo-se derrubando pinheiros e outras árvores “só para ver o tombo” (PIAIA, 2013, p.138).

Piaia considera o domínio que houve do ser humano sobre a natureza neste processo, porém culpa a falta de fiscalização por parte do Estado, pela ação dos agricultores, ao continuar o processo de derrubada das árvores, após as madeireiras.

O autor descreve ainda algumas mudanças que ocorreram na atividade do setor madeireiro com as novas tecnologias:

¹³ Refere-se à denominação dada por Bento Munhoz da Rocha a floresta com Pinheiro-do-Paraná.

[...] Mais uma vez o grau de acumulação anterior, aliado aos processos tecnológicos havidos no setor, foi fundamental. As serrarias passaram de simples fornecedoras de matérias-primas a indústrias madeireiras. Enquanto as primeiras se debatiam, disputando um mercado cada vez mais concorrido, já que, para elas, o tamanho das inversões de capital não era tão grande, as madeireiras passaram a dominar o mercado e a garantir sua taxa de acumulação. As indústrias de madeira passaram a fornecer lambris, forros, assoalhos, tábuas preparadas e padronizadas de acordo com as encomendas, voltando-se também para mercado interno. Seus compradores agora se situavam nos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo. A euforia da construção da nova capital - Brasília - contou com milhares de metros cúbicos de madeira extraída e preparada nos outrora temidos sertões do Oeste paranaense (PIAIA, 2013, p.140-141).

As mudanças tecnológicas, segundo o autor, foram fundamentais para transformar as serrarias em indústrias madeireiras, o que significava que não fabricavam mais só as tábuas, cortadas da madeira, mas outros materiais beneficiados, como os assoalhos. O destino do produto desta indústria também mudara se antes a madeira era vendida para o exterior do país, agora a madeira beneficiada era vendida para as diferentes localidades do Brasil.

O autor ressalta ainda, que a construção de Brasília, contara com a “madeira extraída e preparada nos outrora temidos sertões do Oeste paranaense” (PIAIA, 2013, p.141). O que pode significar com a exploração da madeira, a natureza já fora dominado e o então “temidos sertões do Oeste paranaense” deixam de ser selvagens para se aproximar das áreas civilizadas.

Na mesma página o autor apresenta uma imagem de seu arquivo pessoal:

Título: PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição.**



Figura3. Fonte PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição:** a gênese de Cascavel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.p. 141.

Abaixo da fotografia a seguinte legenda: “A acumulação monetária decorrente da extração e beneficiamento da Madeira foi fundamental para o crescimento da cidade” (PIAIA, 2013, p.141). Ao olhar a fotografia vemos homens em cima de tábuas de madeira, atrás uma

floresta densa de Pinheiros-do-Paraná, a riqueza da imagem não é trabalhada pelo autor. Mas, se pensarmos a legenda com a imagem, podemos concluir que Piaia, como Alceu A. Sperança, considera as madeireiras fundamentais para a formação do município ou da “cidade”, assim, desconsidera outras questões, levando em conta somente os aspectos econômicos desta ação. Complementa esta ideia na página seguinte: “De fato, a fase embrionária da criação dos municípios oestinos contou, em grande parte, com a participação efetiva dos madeireiros. Seus interesses não estavam separados dos interesses políticos [...]” (PIAIA, 2013, p.142).

Porém, Piaia questiona as ideias preservacionistas naquele momento histórico: “Não se pode falar em consciência ecológica nos anos de 1940 e 1950, nos moldes que é invocada atualmente. A ecologia se tornou assunto das massas na esteira das grandes transformações sociais verificadas especialmente a partir dos anos de 1960” (2013, p.143). A seguir argumenta: “[...] Isso não quer dizer que o colonizador não possuísse alguma forma de consciência de preservação” (PIAIA, 2013, p.143). O autor continua seu raciocínio descrevendo como se deu os primeiros contatos entre o colonizador europeu que chegou ao Rio Grande do Sul com a natureza, argumentando que este mantinha uma relação com natureza, pois dependia dela (PIAIA, 2013, p.143-145). Em seguida já se referindo à região de Cascavel:

Nas zonas de fronteira, tais como Cascavel e Toledo, em seus primórdios, não havia uma rede de resistência. Se havia, por parte dos antigos moradores (no caso oestino, índios aculturados, paraguaios e caboclos), elas eram muito tênues. Os recém-chegados tinham se defrontado com o desafio de criar um novo ambiente baseado nas condições de vida que conheciam. Para que preservar o pinheiro, se sua derrubada facilitava a formação da lavoura e garantia um dinheiro na venda da madeira? A intensidade das relações mercantis na fronteira afastava o homem de sua relação original com a natureza. A preservação não tinha lógica, salvo em reduzidos espaços dentro da propriedade, e de uma forma adaptada (PIAIA, 2013, p.145).

Piaia ressalta que antes o ser humano tinha uma relação com a natureza, mas ao se mudar para uma região de fronteira esta relação se modifica, “afastando o homem de sua relação original com a natureza”, o que o leva a devastar esta. Então a fronteira age também, na concepção de Piaia, de forma a mudar a relação entre o ser humano e meio natural. O autor

também parece justificar a ação dos colonos, dizendo ainda: “As matas paranaenses já tinham sido devastadas em grande parte quando se iniciou efetivamente a ocupação dos rincões oestino” (2013, p.146). Nas páginas seguintes continua:

Os colonos que vieram para o Oeste não podiam e tampouco almejavam qualquer alternativa que contemplasse livra-se dos tentáculos do mercado. A preservação estava fora das suas preocupações, as árvores eram, ao mesmo tempo, dinheiro e empecilho à ocupação permanente das terras. Foi desse modo que sobre as florestas ancestrais fora decretada uma sentença de morte. As árvores tinham de tombar! (PIAIA, 2013, p.148)

Para Piaia os colonos estavam presos às questões de seu tempo e suas condições de vida, por isso, não poderíamos esperar deles atos preservacionistas. Piaia aponta vários elementos da ação das madeiras e considera ainda a questão dos trabalhadores:

Outros benefícios indiretos contribuíram para o sucesso do empreendimento mercantil madeireiro: o incremento na procura dessa mercadoria, o crescimento dos preços relativos concomitantemente ao próprio acréscimo da procura, tudo isso aos baixos salários pagos aos trabalhadores, que, desorganizados e desqualificados, serviam mais uma vez ao capital com seus esforços. (2013, p.148-149)

Mas, ao fechar o capítulo, Piaia volta para o mesmo significado, que Sperança dá as madeiras, que é a importância destas empresas para a formação do município:

O ciclo da madeira estava cumprindo seus objetivos. As condições da colonização seriam doravante alicerçadas na premissa da formação e ampliação do capital. Para que as pequenas vilas adquirissem a independência como cidades, era preciso certo grau de complexidade das relações sociais, o que foi possível com o estabelecimento dos interesses do capital madeireiro. Canjarana, Carvalho, Cedro, Pinho, Angico, Canafístula, Peroba, Canela, Cabriúva, Pinho, Pindaúba e tantas outras de diâmetros imensos que só podiam ser abraçadas por dois ou mais homens, com alturas de 30, 40 metros, desafiando a gravidade, não puderam resistir ao ímpeto colonizador. As fotografias dos homens vitoriosos sobre imensas toras, lembrando imagens de feras subjugadas aos pés do caçador, as fotos de pessoas enlaçadas na árvore gigantesca dizem bem mais do que aparentam. A fera vegetal fora domada, a abraço não é o da saudação e da reverência, é o abraço do sufocamento, o abraço da morte! (PIAIA, 2013, p.150)

De tal modo, podemos lembrar o que aponta Freitag: “O sertão é o espaço que deve ser desterritorializado para que se ergam os novos marcos simbólicos necessários para a nação moderna. Ou seja, a natureza deve sucumbir em nome do progresso” (2010, p.63). O que está sendo escrito sobre a história do município de Cascavel e a ação das madeireiras, parece estar dentro desta lógica, a qual teria sido necessária a devastação do meio natural, para a formação e o possível progresso do município.

Piaia consegue ao descrever a ação das madeireiras no município de Cascavel, ter uma visão mais ampla do processo, considerando outros elementos, que não dizem só respeito aos benefícios econômicos trazidos pela implantação das madeireiras. Porém, ao afirmar a “fronteira”, delimitada pelo “sertão”, como um elemento constituinte da identidade desta região, age de forma a justificar a ação de destruição do meio natural ou uma ação violenta na posse da terra por parte dos chamados “pioneiros”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIE, Pierre. A força da representação. In:_____. **A economia das trocas lingüísticas**. O que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008. p.107-116.

CASTELLA, P. R.; BRITZ, R. M. **A floresta com araucária no Paraná**: conservação e diagnóstico dos remanescentes florestais. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

CESCO, Susana. **Desmatamento e migração no Alto Vale do Rio do Peixe**: discussões sobre “progresso” e transformação ambiental. Florianópolis/SC, 2005. 135p. Dissertação (Mestrado em História)- UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina.

FREITAG, Liliane. Região Editada: história territorial em narrativas de Paraná. In: SALES, J. R.; FREITAG, L.; FILHO, M. (orgs.) **Região**: espaço, linguagem e poder. São Paulo: Alameda, 2010. p. 53-70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KOLING, P. J. Terra e Poder: possibilidades e perspectivas. **Tempos históricos**. Marechal Cândido Rondon, v 13, 1º semestre, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4ª Ed. Petrópolis/ RJ: Vozes, 2000. p. 07-72

FONTES

FAUTH, Willy. **Tudo Sobre Cascavel**: história, comercio, indústria, poder publico, entidades, informações, estatísticas. Toledo: Grafo- set, vol.1, nº 2, 1973.

FUNDO das Nações Unidas: **Convention on Biological diversity**. Nações Unidas: Nova Iorque, 1992.

Lista Vermelha da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN) que traz o número de espécies (fauna e flora) ameaçadas de extinção em todo o mundo. Informação extraída: WWW.iucnredlist.org. Acesso: 10/01/2013.

Ministério do Meio Ambiente - 21 de Maio de 2006. Pesquisa mostra crescimento da consciência ambiental no Brasil. Disponível: <http://www.mma.gov.br/informma/item/3318-pesquisa-mostra-crescimento-da-consciencia-ambiental-no-brasil>. Acesso: 15/11/2011.

PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição - a gênese de Cascavel**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O. da C. P.; IWAKE, S. **Criação dos municípios e processos emancipatórios**. Disponível: http://www.unioeste.br/projetos/oraculus/pmp/capitulos/Capitulo_03.pdf. Acesso: 20/05/2013.

Recorte de um anúncio de jornal, produzido pela prefeitura para divulgar as empresas, os comércios e profissões existentes na cidade, data de produção o ano 1957. Ele se encontra no acervo do Museu da Imagem do Som de Cascavel (MIS) de forma impressa e digital.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 1992.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: a história**. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

SPERANÇA, Alceu A.; SPERANÇA, C. **Pequena história de Cascavel e do Oeste**. Cascavel: J.S. Impressora LTDA, 1980.

Site da Unioeste-Universidade Estadual do Oeste do Paraná que anunciava o lançamento do livro de Piaia <http://cac-php.unioeste.br/cnu/node/1570>, em 22/01/2014.